O pesadelo do cyberbullying

Com a facilidade de acesso à tecnologia por parte dos adolescentes, são cada vez mais frequentes os casos de violência virtual e, muitas vezes, é difícil para os adultos evitar a situação; mas é possível ficar atento, inclusive para o fato de que aqueles que praticam a perseguição também precisam de cuidados

POR **DIETER KROWATSCHEK**

CONCEITOS-CHAVE

■ O cyberbullying é uma variação da violência infligida a colegas por um grupo dominante, em geral na escola. Nessas situações, a tecnologia pode ser usada de várias formas. Por e-mail, Twitter, mensagens de celular ou outras mídias eletrônicas, crianças ou adolescentes são ofendidos e discriminados de forma cruel – e, muitas vezes, a humilhação é amplamente divulgada pela rede. Há casos em que os agressores conseguem acesso ao e-mail da vítima, fingem ser ela e enviam em seu nome mensagens desagradáveis para outras pessoas.

■ Alguns sinais podem ser importantes para que adultos fiquem alertas, pois as vítimas muitas vezes não contam aos mais velhos seus problemas. É importante observar, por exemplo, se, depois de acessar a internet ou ler um SMS, o jovem parece mudado ou emocionado, se distancia de outros da mesma idade e seu desempenho escolar piora.

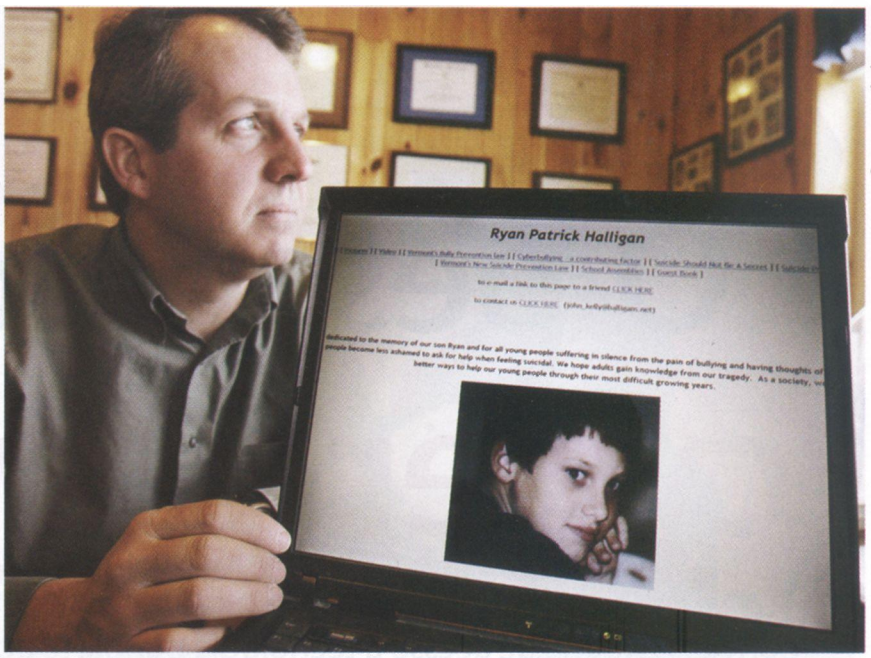
Para grande parte dos jovens o acesso a celulares, computadores e câmeras tornou-se corriqueiro nos últimos anos. Porém, o que sem dúvida é uma forma eficiente de conectar-se com o mundo, traz um risco também. Com a possibilidade de atingir milhões de destinatários e sem os limites das barreiras geográficas, a versão virtual da fofoca e da difamação - com direito a imagens e sons - pode fazer muito estrago. Em 2009, a estudante de da faculdade de turismo Geisy Arruda, da Universidade Bandeirantes (Uniban), em São Paulo, foi humilhada por colegas por usar um vestido curto. Não era primeira vez que ela sofria agressões, mas naquela noite o incidente ganhou grandes proporções: filmada, a cena de constrangimento foi transmitida pela internet. A moça desistiu do curso, mas se saiu bem: foi entrevistada por vários programas de TV e sites e terminou lançando uma marca de roupas, com direito a desfile de modas na avenida Paulista.

De forma semelhante, o menino canadense que ficou conhecido como Star Wars Kid obteve fama de forma - mas de maneira trágica. Por brincadeira, em 2002, filmou a si mesmo com uma câmera da escola, imitando cenas de luta com uma espada a laser imaginária. Outros alunos encontraram o vídeo no computador e o colocaram na rede. Nesse meio-tempo, o filme foi sonorizado, editado, parodiado e baixado mais de 1 bilhão de vezes. O jovem, involuntariamente famoso em uma situação absolutamente desconfortável para ele, entrou em depressão e passou por longo tratamento.

Outro caso teve final trágico. Durante as férias, Ryan, de 13 anos, morador do estado americano de Vermont, e uma colega de escola mantiveram intenso contato por e-mail e SMS. Mas o interesse da menina não era sincero. Na volta das

aulas, quando o estudante encontrou a garota pessoalmente, ela o chamou de perdedor e o ridicularizou diante dos amigos, expondo trechos das mensagens trocadas. Angustiado, Ryan cometeu suicídio em outubro de 2003. Mais recentemente, em 2006, também nos Estados Unidos, Megan Meier, de 13 anos, se suicidou. A responsável pela intimidação virtual da jovem foi Lori Drew, de 49 anos. Ela criou um perfil falso no MySpace de um jovem de 16 anos para humilhar Megan, que teria espalhado boatos sobre sua filha. Ambas eram vizinhas e frequentavam a mesma escola em St. Louis, no estado do Missouri. A garota, que tinha histórico de depressão, passou a trocar mensagens com o "rapaz", que dizia ter acabado de se mudar para o mesmo bairro. Meses depois, o falso jovem rompeu a amizade virtual com Megan, em uma mensagem que dizia que "o mundo ficaria melhor sem você". Desesperada, a jovem se enforcou.

Estes são apenas alguns exemplos de um fenômeno social cada vez mais difundido: o cyberbullying, uma variação da violência psíquica infligida a colegas por um grupo dominante, em geral na escola. Nessas situações, a tecnologia pode ser usada de várias formas. Por e-mail, Twitter, mensagens de celular ou outras mídias eletrônicas, crianças ou adolescentes são ofendidos e discriminados de forma cruel - e, muitas vezes, a humilhação é amplamente divulgada pela rede. Há situações em que agressores conseguem acesso ao e-mail da vítima, fingem ser ela e enviam em seu nome mensagens desagradáveis para outras pessoas.



© TOBY TALBOT/AP/IMAGEPLUS

JOHN HALLIGAN, pai de Ryan, que se suicidou após ser alvo de ataques de outros adolescentes, mostra página criada em homenagem ao filho

Uma das características mais assustadoras do cyberbullying é que pode ocorrer a qualquer momento do dia ou da noite e atingir um número ilimitado de destinatários. Não basta mais voltar para casa depois da aula para se proteger, deixando para trás as humilhações sofridas. Fotos comprometedoras na internet, por exemplo, podem ser baixadas por qualquer um a qualquer hora.

Os poucos estudos que até agora trataram desse tema de forma mais específica têm avaliações contraditórias no que diz respeito a quão disseminados estão esses ataques virtuais. Para um estudo desenvolvido em 2007 no Centro de Pesquisas Pedagógicas Empíricas da Universidade Koblenz, na Alemanha, cientistas entrevistaram quase 2 mil estudantes. Um em cada cinco declarou já ter sido vítima de assédio virtual.

Nos Estados Unidos, apenas um em cada dez usuários da internet já havia sido vítima de cyberbullying, como relataram em 2006 pesquisadores coordenados pelo sociólogo David Finkelhor, da Universidade de New Hampshire, em Durham. Os números se baseiam em uma pesquisa telefônica representativa entre 1.500 adolescentes americanos com idade entre 10 e 17 anos selecionados ao acaso. O número de pessoas afetadas está crescendo de forma evidente - há cinco anos, numa pesquisa semelhante apenas 6% tinham passado por esse constrangimento.

FORMAS DE CYBERBULLYING

FLAMING (do inglês *flame*, "chama"): jovens se ofendem mutuamente nos chats. Pode ser uma troca de mensagens curta e violenta, mas pode chegar ao estágio de *flame war*, quando os envolvidos se xingam de forma bastante agressiva.

HARASSMENT ("molestamento"): agressor envia centenas de mensagens ofensivas.

CYBERSTALKING: ofensor usa mídias eletrônicas para seguir a vítima e sempre incomodá-la com ameaças ou falsas acusações.

HAPPY SLAPPING ("bater por diversão"): grupo agride a vítima enquanto um deles filma a cena. A seguir, colocam o filme na internet.

EXCLUSÃO: agressores expulsam adolescente de um grupo on-line ou lhe negam acesso a ele.

COMO PODEMOS NOS PROTEGER?

- Nunca informar senhas de acesso.
- Desconfiar das informações fornecidas por participantes anônimos e desconhecidos de chats e não fornecer nenhum dado sobre rotina
- Se for o caso, utilizar a tecla "ignorar" para encerrar uma conversa maldosa.
- Não enviar respostas para mensagens ofensivas, a fim de não estimular os cyberbullies a novas provocações.
- Se necessário, abrir uma nova conta.
- No caso de adolescentes, contar logo o ocorrido a um adulto.
- Informar ao operador da internet ou do celular se surgirem ameaças ou material de conteúdo humilhante.
- Não apagar imediatamente ofensas e ameaças reiteradas, mas guardá-las como provas.
- Simplesmente desligar o computador e o celular – e relaxar.
- Levar a sério qualquer suspeita de cyberbullying.
- Ficar atento a mudanças de atitude do adolescente e estimulá-lo a falar sobre a situação.
- Antes de pensar em punir o ofensor é fundamental ajudar a vítima.

O AUTOR

DIETER KROWATSCHEK é psicólogo escolar, professor e consultor pedagógico.

Na Alemanha, um caso ocorrido em 2007 em escola de uma pequena cidade de Hessen causou alvoroço. Vários alunos maltrataram um colega da mesma idade no vestiário do ginásio de esportes e filmaram suas atrocidades com um celular - e colocaram o filme na internet. Mais tarde, justificaram seu ato pelo fato de o menino atacado ter cabelos longos. Além disso, ele teria rido várias vezes durante a agressão, de forma que "haviam pensado que ele também estava se divertindo".

Esse exemplo mostra como esses tipos de agressão sofrida nos mundos real e virtual podem se fundir. Segundo a diretora do Centro para Segurança e Responsabilidade no Uso da Internet (CSRIU, na sigla em inglês), Nancy Willard, existem duas possibilidades de associação entre os ataques tradicionais com o cyberbullying: ou começam no mundo real e continuam na internet, vítimas e ofensores mantêm, e neste caso, seus papéis; ou o alvo da violência a - vítima - se vinga "ao vivo" de humilhações sofridas, colocando, por exemplo, material comprometedor sobre seu algoz na internet.

Essas relações foram estudadas pela pesquisadora em saúde Michele Ybarra, da organização não governamental Internet Solutions for Kids, em Irvine, Califórnia, em dois estudos, um de 2004 e outro de 2007. Junto com sua colega Kimberley Mitchell, da Universidade de New Hampshire, em Durham, ela descobriu que vários dos entrevistados que haviam participado de molestamentos na internet como ofensores, vítimas ou mesmo em ambos os papéis também haviam sido alvo de agressores convencionais, que não tinham conhecimentos muito específicos de informática. E metade dos que haviam sido tanto ofensores quanto vítimas on-line já tinha sido também vítimas do "bullying real". Se um jovem é repetidamente molestado na escola, corre sete vezes mais risco de sofrer agressões também no ciberespaço, segundo as psicólogas Jaan Juvonen e Elisheva Gross, da Universidade da Califórnia em Los Angeles. Em 2008, elas entrevistaram aproximadamente 1.450 usuários de internet.

SEM INIBIÇÕES

Apesar de várias intersecções com o que acontece no mundo real, o cyberbullying apresenta aspectos específicos: as mensagens são frequentemente anônimas e colocam a vítima em situação de grande exposição com a divulgação de informações muitas vezes falsas. Nos ataques na rede a inibição que se poderia ter em

JOVENS HUMILHADOS PELOS COLEGAS na escola correm risco até sete vezes maior de sofrer ataques pela internet em comparação aos que não tiveram essa experiência

© CHRISTOPHER O DRISCOLL/ISTOCKPHOTO

Perseguindo colegas mais frágeis, alguns jovens compensam medos e baixa autoestima; quanto mais se sentem ligados à escola menos incomodam os outros

prejudicar alguém geralmente diminui. Em situações concretas, por outro lado, os agressores podem, sadicamente, observar as consequências imediatas de seus atos.

A Web, porém, nem sempre garante o anonimato, como foi demonstrado, por exemplo, por Juvonen e Gross no estudo feito há dois anos. Pouco mais de 70% dos usuários de internet entrevistados por elas tinham grande ou absoluta certeza de conhecerem o ofensor (que em geral era um colega de classe).

Mas, afinal, o que leva adolescentes a molestar os outros de maneira tão cruel? Existem características típicas de ofensores ou vítimas? Seja no pátio da escola ou na internet, todos os envolvidos mostram algumas peculiaridades psíquicas e sociais. Como descobriram em 2006 as psicólogas Robin Kowalski e Susan Limber, da Universidade Clemson, na Carolina do Sul, todos os envolvidos em situações desse tipo têm baixa autoestima. Elas notaram que tanto as chamadas vítimas "puras" (que não foram algozes) quanto aqueles que desempenham os dois papéis sofrem mais com sentimentos de inadequação social, em comparação com os que são apenas ofensores ou não envolvidos de forma alguma em situações de bullying. As pesquisadoras perguntaram a quase 4 mil alunos, entre outras coisas, o quão tensos em geral se sentiam nas mais variadas situações.

Há nesse contexto uma questão importante a ser considerada: quando pensamos em alguém que sofre de ansiedade social, a tendência é caracterizarmos essa pessoa como tímida, inibida ou submissa. Um estudo dos psicólogos americanos Todd Kashdan e Patrick McKnight, da Universidade George Mason, entretanto, sugere a existência de um subtipo do transtorno em pessoas que agem agressivamente como os *bullies* (agentes do bullying). É o que mostra o artigo "O lado negro da ansiedade social: quando impulsos agressivos prevalecem sobre a inibição e a timidez", recentemente publicado na seção "tendências atuais" do periódico *Psychohgical Science*.

Aparentemente, perseguindo colegas mais frágeis, alguns jovens compensam medos e problemas de autoestima, acreditam Kowalski e Limber. Com base em entrevistas com alunos de escolas de segundo grau e de cursos universitários, as psicólogas consideraram outros motivos para a prática: necessidade de chamar a atenção sobre si; desejo de parecer poderoso e durão; sentimentos de ciúme ou vingança. Também há aqueles que molestam colegas por se sentirem aborrecidos e sem perspectivas.

O fato de um adolescente chantagear e expor outro parece ser influenciado pela forma como ele percebe o clima escolar. Quanto mais fortemente os jovens se sentem ligados à sua escola e interessados no que podem desfrutar, menos incomodam seus colegas. Se, além disso, veem as pessoas com quem convivem como confiáveis e solícitas, obviamente relatam muita propensão a molestar os outros. Esse resultado foi obtido por um grupo de pesquisas coordenado por Kirk Williams e Nancy Guerra, da Universidade da Califórnia em Riverside, depois de entrevistarem 3.300 estudantes em 2005.

Como também demonstraram os estudos de Ybarra e Mitchell, a probabilidade de que um adolescente apresente problemas de comportamento como

BRASILEIROS TEMEM PERSEGUIÇÃO VIRTUAL

A prática do cyberbullying, ou intimidação virtual, representa um dos maiores perigos da internet na opinião de 16% dos jovens brasileiros conectados à rede. É o que mostra uma pesquisa realizada em fevereiro de 2010 pela organização não governamental Safernet, de defesa dos direitos humanos na internet, da qual participaram 2.160 internautas do país com idade entre 10 e 17 anos. O estudo indica que 38% dos jovens conhecem alguém que já foi vítima desse tipo de violência. Os números revelam, no entanto, que apenas 7% dos entrevistados já ouviram o desabafo de seus amigos sobre a vivência de situações de agressão e humilhação na internet. Uma pesquisa global, da empresa de segurança Trend Micro, indica que um terço dos jovens ativos na internet já passou por situações semelhantes. Pesquisas mostram que os seres humanos podem ser altamente influenciáveis. Um clássico estudo de psicologia realizado na década de 60, nos Estados Unidos, revela a importância da validação social. Segundo esse conceito, tendemos a buscar no comportamento da maioria o respaldo necessário para tomar decisões. No Brasil não há relatos de casos tão emblemáticos, mas a prática do cyberbullying é comum também por aqui. Comunidades e perfis falsos no Orkut, contas fraudulentas no Twitter e blogs anônimos são algumas das formas encontradas pelos agressores virtuais para atormentar suas vítimas.

agressividade ou desrespeito a regras é proporcional à frequência com que molesta os colegas. Entrevistados que tinham constrangido outros no passado, por exemplo, quebravam sete vezes mais regras em comparação a jovens da mesma idade. Porém, é difícil avaliar quais fatores são causa e quais são efeito. A baixa autoestima, por exemplo, pode ser tanto compensada quanto reforçada pelo cyberbullying.

Jovens expostos a assédio na escola muitas vezes relatam sofrer de depressão, sentem-se indefesos, constantemente temerosos e têm dificuldades de concentração. O assédio no mundo virtual provavelmente tem consequências até mais graves a longo prazo, pois os adolescentes não podem fugir dos ataques nem mesmo em casa. Em um estudo on-line de Kowalski, de 2006, vítimas de cyberbullyng disseram ter se sentido furiosas, desamparadas, estressadas, constrangidas, amedrontadas e confusas depois do incidente.

SINAIS DE ALERTA

Alguns sinais podem ser importantes para que adultos fiquem alertas. Se depois de acessar a internet ou ler um SMS o jovem parece mudado ou emocionado, se distancia de outros da mesma idade e o seu desempenho escolar piora, é conveniente que pais e professores fiquem atentos, pois as vítimas muitas vezes não contam aos mais velhos sobre seus problemas. Segundo dados colhidos por Juvonen e Gross, apenas um em cada dez adolescentes revela aos adultos as agressões sofridas. Além disso, muitos pais e educadores não são tão hábeis em lidar com as novas tecnologias. Por isso os pais devem, primeiramente, se interessar pelas atividades on-line dos filhos e orientá-los para que não publiquem nenhuma informação na internet que possa ser usada contra eles. Se uma criança já está sendo assediada, o mais efetivo é gravar o material e enviá-lo à direção da escola (se for um colega) e aos pais do ofensor.

É FUNDAMENTAL QUE ADULTOS se interessem pelas atividades on-line dos adolescentes e os orientem para que não publiquem informações que possam ser usadas de forma maldosa

Os conselhos de Kowalski e Limber vão numa direção semelhante. Se os ataques são mais inofensivos, eles sugerem que sejam simplesmente apagados ou ignorados. Há ainda um modo diferente de lidar com cyberbullies, sem "apontar culpados". O método foi desenvolvido pelos britânicos Barbara Maines e George Robinson nos anos 80, quando os dois trabalhavam - ela como psicóloga e ele como diretor -, em uma escola para crianças com problemas comportamentais. Os dois partem do princípio de que é fundamentalmente impossível impedir o bullying nas escolas e que castigos pouco ajudam. Por isso, os professores não deveriam punir os atos em si, mas simplesmente descobrir quem são os envolvidos para esclarecer o que de fato está ocorrendo e, simultaneamente, abordar de forma objetiva, sem moralismos, temas como tolerância, moralidade e ética. Segundo eles, o importante é despertar a compreensão da dor do outro. O objetivo é que os ofensores possam se desculpar e "fazer as pazes" com a vítima. O método tem sido apresentado em escolas da Alemanha por especialistas em resolução de conflitos, apoiados pela Federação para Defesa Social em Minden, desde março de 2008. Eles já colecionam mais de 100 casos que foram trabalhados segundo essa proposta. A maioria deles foi resolvida em poucas semanas.

PARA CONHECER MAIS

Mentes perigosas nas escolas. Ana Beatriz Barbosa Silva. Fontanar, 2010.

Proteja seu filho do bullying – Impeça que maltrate os colegas ou seja maltratado por eles. Allan J. Beane. BestSelller, 2009.

Cyber Bullying. Bullying in the digital age. R. M. Kowalski *et al.*, Oxford, "Blackwell", 2008.

Prevalence and predictors of internet bullying. K. R. Williams, N. G. Guerra, em *Journal of Adolescent Health* 41, págs. 14-21, 2007.

Examining characteristics and associated distress related to internet harassment: findings from the second youth internet safety survey. M. L. Ybarra *et* al., em *Pediatrics* 118(4), págs. 1169-1177, 2006.

Fonte: Mente&Cérebro, São Paulo, ano 17, n. 210, p. 56-61, jul. 2010.